



MUITA IMAGEM POR NADA

Beatriz Leal FREHNER*

RESUMO

Estamos rodeados de comunicação visual por todos locais que passamos, seja nas placas de trânsito, números ou siglas que informam situações e regras a todo momento. Na televisão não é diferente, além do discurso de um apresentador durante um comercial, telejornal ou programa, as imagens são utilizadas como forma de comunicar ou reforçar a informação. A partir dessa situação, o presente estudo tem como finalidade analisar duas cenas de dois diferentes episódios do programa *Esquenta!* da Rede Globo, a fim de descobrir se, no programa em questão, os elementos visuais são utilizados com fins informativos e de que maneira são utilizados na composição cênica. Para as análises, serão utilizados os conceitos desenvolvidos por Umberto Eco: nível icônico, iconográfico, tropológico, tópico e entimemático das imagens. Dessa maneira, acredita-se ser possível verificar como os elementos que compõe o *corpus* de pesquisa atuam, principalmente, a partir de suas funções estéticas e informativas.

PALAVRAS-CHAVE

Semiótica; Comunicação; Sentido; Televisão.

*Formada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Faculdade Assis Gurgacz. E-mail: bia_frehner@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Na televisão além da mensagem verbal, a informação emitida pelos veículos pode também ser analisada como sistema de signos, no qual sons, imagens e elementos visuais comunicam e reforçam mensagens verbais a todo o momento.

Para Barthes, (1990, p.28) “a imagem revela imediatamente uma primeira mensagem, cuja substância é linguística.” A partir disso, pode-se afirmar que a linguagem verbal absorve o papel de fixação do significado da mensagem, assim, a imagem e o verbal se relacionam quase que de maneira complementar.

A essa luz, o presente artigo busca analisar e relacionar as linguagens verbal e visual presentes no Programa *Esquenta!* a fim de compreender de que forma elas se complementam e contribuem na recepção da mensagem.

O programa *Esquenta!* é um dominical exibido pela rede Globo durante a tarde, apresentado por Regina Casé. Pode-se estabelecer, de modo genérico, que o programa tem como principais debates situações de preconceito vividas pelas minorias, questões culturais e cotidianas. Os assuntos são sempre abordados junto com música e bom humor. A cada domingo a temática central do programa muda, paralelamente a isso, a cada edição as composições cênicas e elementos visuais também são alterados.

Diante da valorização que o próprio veículo concebe sob o cenário do programa é que se busca analisar e compreender a importância dos elementos visuais na emissão da mensagem e sobre sua profunda relação com o discurso.

Assim, busca-se nesse estudo colocar em evidência os códigos visuais, descrever as denotações e conotações neles impregnadas e por fim compreender o real papel dos elementos visuais na comunicação.

A análise será realizada por meio dos cinco níveis de leitura da imagem na comunicação propostos por Umberto Eco: nível icônico, iconográfico, tropológico, tópico e entimemático. As conclusões serão feitas a partir do estudo de dois episódios do programa selecionados de forma aleatória.

MODELO SEMIÓTICO DE UMBERTO ECO

Para Umberto Eco (2003), a semiótica é o estudo sócio-cultural da cultura, pois se equivale ao estudo de códigos relacionados a uma convenção cultural. É a partir do valor que as vivências

sociais possuem na recepção das mensagens visual ou verbal que o autor busca compreender quais aspectos atuam durante a interpretação da audiência, não deixando de lado o nível de conhecimento e sua imposição sob os limites interpretativos e o contexto do receptor.

Em sua obra, o autor (2003) explica sobre as condições da mensagem nos códigos publicitários, e que por se tratar de mensagens verbais e visuais, pode ser aplicado no presente estudo da mensagem televisiva, neste caso, no estudo do programa *Esquenta!*

De acordo com Eco (2003), os códigos funcionam em um duplo registro, o verbal e o visual. As duas vertentes da mensagem se relacionam de maneira quase que ambígua, uma vez que dizem a mesma coisa com propósito de reforçar os significados e complementar o assunto abordado. Essa relação entre os dois registros é chamada pelo autor de “ancoragem”:

[...] o registro verbal tem função precípua de *ancorar* a mensagem, porque frequentemente a comunicação visual se mostra ambígua e conceptualizável de modo diversos. Essa ancoragem, todavia, não se realiza sempre de modo puramente parasitário. (ECO, 2003, p. 161)

A essa luz, o autor coloca que da mesma forma que os códigos visuais e verbais podem se complementar, existe também a possibilidade de contradição entre as mensagens, que ocorre quando o discurso e os elementos visuais e verbais possuem diferentes funções:

[...] pode de fato verificar-se uma homologia de soluções ou uma total discordância: com imagem de função estética e texto de função emotiva ou com imagem que procede por simples tropos enquanto que o texto introduz lugares; ou com imagem de estrutura metafórica e texto de estrutura metonímica; ou com imagem que propõe um lugar argumentativo e texto que o contradiz; e assim por diante, através de uma combinatória dificilmente codificável de antemão. (ECO, 2003, p. 161)

Dentre elementos visuais dispostos em uma cena qualquer, identificamos no nível icônico os objetos perceptíveis a um primeiro olhar, numa visão superficial, em que os ícones representam algo por semelhança, e essa caracterização é concebida pelo receptor sem profundas análises.

[...] a codificação dos signos icônicos não pertence ao estudo retórico da publicidade, assim como não lhe pertence, no registro verbal, o estudo de valores denotativos dos vários termos verbais. Podemos aceitar por princípio que certa configuração represente um gato ou uma cadeira, sem nos perguntarmos o porquê ou o como. (ECO, 2003, p.162)

Na sequência, o nível iconográfico ocorre em torno de conotações relacionadas à convenções sociais estabelecidas, geralmente, pela massa. Neste nível a mensagem visual não é

analisada como signos separados individualmente, mas sim o significado que estes possuem na mensagem quando vistos como um conjunto. Ainda sob essa perspectiva, Eco (2003) define dois tipos de codificação no nível iconográfico:

[...] uma de tipo “histórico”, em que a comunicação publicitária usa configurações que em termos de iconografia clássica remetem a significados convencionados (...). A outra, de tipo publicitário, onde, por exemplo, a condição de manequim é conotada por um modo particular de ficar de pé com as pernas cruzadas. Isto é, o costume publicitário pôs em circulação iconogramas convencionados. (ECO, 2003, p.162)

O terceiro nível proposto pelo autor diz respeito aos *tropos*, ou figuras de linguagem, aplicados, nesse caso, à comunicação visual, como a hipérbole, metáfora, metonímia, entre outros. É a partir desse conceito que Eco (2003, p.162) afirma que “o tropo pode ser inusual e assumir valor estético, ou então ser a exata tradução visual da metáfora sopitada e passada para uso corrente, tanto que passa despercebida.”

Ainda cabe à análise compreender as possibilidades de interpretação da audiência, conhecer aquilo que está cristalizado no entendimento da massa, o que já é pré-concebido sobre o assunto ou tema tratado em dada cena. Esse olhar sob o objeto de estudo é chamado por Umberto (2003) como nível tópico da mensagem que:

[...] poderia comportar a classificação das possíveis traduções visíveis dos *topos* verbais; mas o que mais ostensivamente emerge a uma primeira inspeção efetuada sobre a linguagem visual é a existência de iconogramas que conotam de antemão um campo tópico, isto é, que evocam por convenção uma premissa ou blocos de premissas de modo elíptico, como se se tratasse de uma sigla convencional. (ECO, 2003, p.164)

Se por um lado, os *topos* descrevem o senso comum, o nível entimemático ocorre por meio das conclusões desencadeadas na argumentação. É com esse olhar que o autor afirma que os iconogramas em questão significam algo que vai além de um olhar denotativo e superficial, mas leva em conta as possibilidades históricas e culturais que permeiam o determinado objeto.

Comportaria a articulação de autênticas argumentações visuais. Permitam-nos também aqui, em fase preliminar, avançar a hipóteses de que a polivalência típica da imagem e a necessidade de ancorá-la no discurso verbal fazem com que a argumentação retórica propriamente dita seja orientada unicamente pelo texto verbal ou pela interação entre os registros verbal e visual. (ECO, 2003, p.165)

A partir dessa visão cultural e contextual que o atribui à análise semiótica, pode-se compreender que para chegar o mais próximo possível de uma efetiva recepção da mensagem, que é aquela em que a audiência compreende exatamente o que o receptor pretendia que a

mesma fizesse, é necessário compreender o contexto e possibilidades denotativas e conotativas daquilo que é dito.

PROCESSO ANALÍTICO

Para as análises deste trabalho, duas cenas foram selecionadas, de dois diferentes episódios do programa *Esquenta!*, em que o cenário apresenta diferentes características e temáticas. Na primeira, o programa aborda a cultura japonesa, já na segunda trata sobre o natal. Buscou-se analisar de que maneira os elementos visuais estão dispostos e que papel exercem na comunicação.

Sequência de análise 01:

Programa do dia 07/04/2013 – Tema: Cultura japonesa



Nesta cena, Regina Casé comenta sobre o que é um *cosplayer*, a apresentadora fala de maneira simples e direta caracterizando as falas como função referencial, uma vez que objetivam e colocam em referência o assunto abordado. Regina introduz o tema *cosplay* questionando o público por meio da câmera e em seguida perguntando sobre o assunto para um convidado que

responde de maneira literal o significado de *cosplay*. Através dessa fala a apresentadora chama um VT que visa explicar de forma mais aprofundada o que são os *cosplayers*, que no caso, são pessoas que se fantasiam de personagens de desenhos e quadrinhos japoneses a fim de representar e atuar como tal.

Pode-se definir o nível dos ícones como mais superficial, de leitura rápida. A percepção é simples e eficaz, pois os objetos representam algo por semelhança. Boa parte dos objetos no cenário faz parte deste nível, mas aqui, vale ressaltar os elementos que estão em maior evidência na composição.

Destaca-se a denotação dos leques, a cerejeira, o tambor, a representação da bandeira japonesa no chão do estúdio, a imagem de uma montanha, além da roupa de gueixa usada pela apresentadora. Neste nível os elementos são visualizados com função estética e por si só representam a cultura nipônica.

Se por um lado, os elementos podem representar a cultura oriental individualmente, é no nível iconográfico que a temática se define, uma vez que a união dos elementos reproduz certos semas como a cultura oriental, por exemplo. Um deles está presente no figurino da apresentadora, o quimono, o sapato, e as presilhas que Regina Casé usa são sema do vestuário japonês relativo à representação de uma gueixa.

Para a cultura japonesa, em seu sentido literal, a palavra gueixa significa “pessoa que vive das artes”. Uma gueixa pode se especializar em música, canto, poesia ou dança a fim de entreter a elite da região com cultura nobre e erudita.

Apesar desse conceito cultural, é muito comum, mesmo no oriente, que essas mulheres sejam confundidas com prostitutas, pois usualmente elas se tornam amantes de seus *dannas* (homens que patrocina os elevados custos de especializações artísticas).

O fato de essas mulheres serem confundidas com prostitutas, de fato, incomoda os orientais, já que na realidade, para a cultura nipônica as gueixas são mulheres dedicadas ao estudo da arte e exercem papel fundamental no país desde o século XVII, com o zelo e valorização da cultura tradicional, como defende Cristiane Sato:

A ficção e diferenças culturais fizeram com que a ideia que o ocidente tem das gueixas seja distorcida, pouco correspondendo com a realidade. Muitos, principalmente os incultos, acham que uma gueixa nada mais é do que uma exótica prostituta de luxo – algo que choca os japoneses, que as consideram refinadas guardiãs das artes tradicionais. Para os japoneses, achar ou tratar uma gueixa como se ela fosse uma mera garota de programa é uma atitude que revela não só falta de critério, mas de cultura e “berço” de quem assim age. Na sociedade japonesa, a gueixa é objeto de admiração e

respeito. Elas dão status aos lugares que vão e às pessoas com quem se relacionam – um status que é mais ligado à tradição que à moda. (SATO, 2006)¹

Atualmente, com a modernidade, elas são vistas como uma maneira de zelar a arte tradicional. Além do valor cultural no que tange o conhecimento, as gueixas usam roupas, maquiagens e cabelos arrumados sempre de maneira uniforme e padrão. Cada peça de sua vestimenta possui uma representação e significado únicos. No caso do programa *Esquenta!* a primeira coisa a ser notada em Regina Casé é o quimono. Longo, com cores opacas e estampa de flores, no Japão essa vestimenta representa o conhecimento de uma gueixa. Quando o quimono possuir mangas mais curtas indica que a gueixa que o usa possui conhecimento vasto e domina alguma área artística. Roupas e mangas longas, como as da apresentadora, representam uma aprendiz de gueixa, conhecida no país como *maiko*. Como coloca Kukari San:

A gueixa usa hikitomesode e outros tipos de hikizuri (kimono que arrasta) de manga curtas, de tons claros como azul ou rosa bebê, creme e outros tons mais subtis. O branco é a sua cor. O seu haneri é todo branco bordado, significando que é adulta e sábia, assim como o seu obiage está apenas um pouco visível sob o obi significando a sua descrição e seriedade. O seu obi não é longo como o da maiko nem tão largo. (KUKARI, 2012)²

As jovens interessadas em tornarem-se gueixas geralmente iniciam estudos voltados às artes tradicionais japonesas, como o origami, a história, poesia e canto. Portanto, através da análise da roupa, apesar de Regina Casé não reproduzir fielmente a caracterização de uma gueixa, pode-se dizer que a apresentadora a nível de conotação simboliza uma *maiko*.

Regina Casé também utiliza um adereço no cabelo, não tão semelhante ao das gueixas. Neste caso uma presilha foi utilizada para apenas remeter aos penteados volumosos dessas mulheres japonesas. Para a cultura nipônica os penteados das gueixas não possuem grande representatividade, são comumente utilizados muito mais pela praticidade e beleza do que por algum valor histórico e cultural.

Além do vestuário da apresentadora, a unidade de cor do programa também é considerada um sema. A iluminação, os tons utilizados no telão, nos figurinos e nos ícones já apresentados são representados através de tons avermelhados. A cor vermelha está presente não só na cultura japonesa, mas na cultura oriental como um todo e está ligada a preceitos religiosos, de forma que:

¹ Disponível em <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=324> Acesso em: 12 maio de 2015.

² Disponível em <http://from_black_to_white.blogs.sapo.pt/423.html> Acesso em 7 maio de 2015.

[...] a cor vermelha, além de ser uma cor indicativa de lealdade, virtude, prosperidade, e boa sorte, também é uma cor conhecida por afastar energias malignas e espíritos malvados. A título de curiosidade, especificamente no Japão, as crianças costumam pintar o sol em seus desenhos como uma grande bola vermelha, igual ao retratado na bandeira do Japão. Ademais, o vermelho, além de ser uma cor do sol e do fogo, da força da vida, e muito utilizada em talismãs e amuletos para afastar o mal. (KUWAN, 2012)³

Parte dessa crença se origina na espiritualidade de *Yin* e *Yang*. Estes conceitos do taoísmo representam a origem e o equilíbrio de tudo no mundo. *Yin* é o lado noturno, passivo, escuro e frio, e *Yang* é o lado quente, luminoso e ativo. Em diversas situações *Yang* é relacionado à força e energia do sol, se relacionando dessa forma aos tons quentes, como o vermelho.

O Yin e o Yang, que em constantes interações produzem todos os fenômenos da natureza: o dia e a noite, frio e calor, contração e expansão, e, em último nível, a vida e a morte. O Yang significa o princípio ativo, masculino, diurno, luminoso, quente, e, portanto o branco, enquanto o Yin o princípio passivo, feminino. (CHAVES; *et al* 2006, p. 33)

Atualmente, o povo oriental utiliza o vermelho para escrever nomes, logotipos de empresas e na pintura de edifícios, pois se acredita que traz prosperidade e boas energias.

Com olhar mais amplo é possível definir o cenário por si só como um sema. No qual todos os elementos já apresentados, unidos identificam a proposta e temática deste episódio do programa, a cultura japonesa.

Enquanto os níveis icônico e iconográfico estão atrelados à denotação e dizem respeito aos elementos centrais e estéticos, o nível tropológico remete aos *tropos*, ou figuras de linguagem, utilizados tanto linguisticamente como visualmente. Nesse caso o tropo predominante é a metáfora.

Analisando novamente a roupa de Regina Casé, neste nível, sabemos que a apresentadora não é japonesa, mas o figurino emite uma linguagem metafórica de que a apresentadora representa uma gueixa, logo emite conotação do estereótipo de mulher japonesa caracterizada com roupas de acordo com o conhecimento, a arte e a cultura impregnada no modo de vida de uma gueixa.

Pode-se considerar que todos os elementos que compõem o cenário do programa emitem função metafórica por representar associações e não de fato a realidade. O cenário não é o país, não é o Japão, mas é por meio da metáfora que indica e fantasia a ideia de cultura nipônica.

³ Disponível em: <<http://aoikuwan.com/2012/03/01/a-cor-vermelha/>> Acesso em: 10 maio de 2015.

Apesar de a metáfora predominar sob os elementos, é possível observar também traços da metonímia, que se resume na utilização de um termo no lugar de outro. Considera-se esse *tropo* na relação dos ícones com a representatividade, uma vez que estes possuem uma relação de interdependência com um só elemento, a cultura japonesa.

No nível tópico da mensagem percorremos os caminhos do senso comum e frequentemente aceitos pela massa, aquilo que está cristalizado no conhecimento da audiência. No caso do Japão, em alguns casos, considera-se um país tradicional, conservador de cultura rica em âmbitos religiosos, musicais, esportivos e artísticos. Quanto à numerosa população, os japoneses são pré-concebidos como povo patriota, educado e famoso pela dedicação para trabalhos minuciosos e estudos. Frequentemente a massa associa ao “Japão” os mesmos elementos já representados e citados no nível icônico, como a bandeira, uma cerejeira, montanhas, tambores e até mesmo uma gueixa. Mas a massa não tem real conhecimento do que estes objetos significam para a cultura nipônica, permanecendo apenas com o conhecimento a nível denotativo.

É a partir disso que o nível entimemático busca representar as conotações não perceptíveis numa visão superficial. Nesse caso, põem-se em evidência os aspectos culturais e históricos dos elementos representados, ou seja, o contexto no qual eles se inserem. Como o real significado da gueixa para cultura nipônica, que no ocidente não passa de uma representação da mulher japonesa, mas que culturalmente transparece inteligência, arte, feminilidade, delicadeza e sensualidade. Os instrumentos de percussão são visualizados apenas como música ou instrumento tradicional do país, mas de fato os tambores simbolizam a conotação de força, e historicamente foram utilizados em rituais religiosos, ações militares e até mesmo peças teatrais, retratando muito mais do que apenas música.

Ainda explorando as conotações, para alguns a bandeira japonesa apenas representa o país como símbolo de identificação, mas o círculo vermelho no centro da bandeira, por exemplo, tem o propósito de representar o nascer do sol que possui significados simbólicos distintos entre diferentes segmentos da população japonesa. Em alguns locais, está atrelada a eventos militares, em outras regiões, à vitalidade ou ainda ao simples patriotismo.

Com base nas possibilidades conotativas, pode-se afirmar que, de modo geral, o programa utiliza os já citados elementos visuais apenas como função estética e representativa, uma vez que não explora a vasta possibilidade de significados empregados nos objetos.

Sequência de análise 02:

Programa do dia 21/12/2014 – Tema: Natal



Ao visualizar os elementos disponíveis no nível icônico, é possível perceber que este episódio do Programa *Esquenta!* trata sobre o natal. A abordagem da temática é oportuna, uma vez que o programa foi ao ar quatro dias antes do natal.

Os ícones que chamam atenção à primeira vista são: a árvore de natal, as mesas, as estrelas, o carrossel e o quebra nozes alemão na metade esquerda da imagem.

Quando o espectador visualiza uma árvore de natal, por exemplo, esse ícone imediatamente é relacionado ao natal. Dessa forma, mais uma vez, os elementos escolhidos conseguem representar individualmente a essência do natal, mas é no nível iconográfico, através da junção de todos os objetos que a temática do natal fica clara e definida na ocasião.

Neste nível, observa-se como sema o conjunto apresentado nas mesas, os pratos e talheres, uma coroa de flores, velas, copos e taças, e a toalha vermelha e verde. Por si só esses elementos poderiam representar alimentação, refeição, mas unidos dessa maneira remetem a ceia de natal, tradição realizada nas vésperas do natal. Além de simbolizar a refeição, a ceia condiz também com alegria, celebração e religião. Os convidados que estão sentados à mesa são figuras que participam do programa com frequência. Nesse caso, pode-se afirmar que a presença de

Preta Gil e Carolina Dieckman, por exemplo, representa a união das famílias na noite de natal, nesse caso, sobretudo, da família do *Esquentá!*

De modo geral, os católicos relacionam a ceia de natal com a famosa ceia em que Jesus Cristo divide o pão e o vinho com seus apóstolos. Porém, a ceia natalina denota outra realidade. De acordo com Gisele Raymundo (2010)⁴, a história gira em torno de um período em que “Os europeus deixavam a porta de sua casa aberta no dia de Natal para que os peregrinos e viajantes entrassem e, junto com a família, confraternizassem nesse dia.”

Quando chegavam, essas pessoas eram recebidas com muita fartura e alimentos a fim de confraternizar com a família hospedeira a noite de natal. A partir disso, com o passar dos anos a tradição se espalhou e ganhou características em cada local, como a adição do peru assado pelos norte-americanos, hábito que logo se espalhou pelo Brasil. Além disso, em seu discurso, Regina Casé fala sobre a alimentação como um dos costumes mais lembrados no natal. Nas falas, a apresentadora traz para a ceia do *Esquentá!* a tradição do povo brasileiro de preparar a rabanada, fatias de pão empanadas em caldas doces e fritas.

Um pinheiro, geralmente, pode representar o inverno, a natureza ou frutos, mas a união dessa árvore com luzes, bolas e enfeites a torna outro tema que conota o período natalino. O pinheirinho de natal é atualmente utilizado com fins decorativos para caracterizar o período natalino, mas esse tema representa tradição cristã que, teve início por volta de 1530, na Alemanha, com Martinho Lutero.

Segundo a história, em uma noite, Lutero caminhava por uma floresta quando visualizou a cena de um pinheiro, a neve sobre ele e ao fundo um céu estrelado. Foi quando resolveu levar galhos para casa e tentou reproduzir para sua família a imagem que havia visto na mata.

Lutero ficou impressionado com a beleza dos pinheiros cobertos de neve. As estrelas do céu ajudaram a compor a imagem que Lutero reproduziu com galhos de árvores em sua casa. Além das estrelas, algodão e outros enfeites, ele utilizou velas acesas para mostrar aos seus familiares a bela cena que havia presenciado na floresta. (MEYER, 2010)⁵

Sobre os presentes de natal, pode-se caracterizar o carrossel, os cavalinhos e dados como um tema que representa o aspecto lúdico e infantil da data. Esses são presentes tradicionalmente

⁴ Disponível em: <http://www.aprendebrasil.com.br/falecom/nutricionista_bd.asp?codtexto=497>
Acesso em: 5 maio de 2015.

⁵ Disponível em: <<http://www.alemanhaporqueno.com/2010/12/historia-da-arvore-de-natal.html>>
Acesso em: 05 maio de 2015.

americanos e antigos, que não fazem mais o hábito e gosto das crianças da atualidade. Esse sema, portanto, remete também a antiga tradição da brincadeira sem a tecnologia.

Mais ao fundo do cenário nota-se a presença de estrelas vermelhas suspensas no ar. Estes elementos, além de decorativos, comunicam outro aspecto religioso do período natalino. De acordo com o texto bíblico de Mateus (2. 1-11) , na data do nascimento de Jesus, uma estrela brilhante cruzou o céu e apontou um caminho para três homens, cuja profissão ou atividade é desconhecida. A história conta que o feixe de luz levou os homens ao local onde Jesus Cristo havia nascido, cada um deles presenteou a criança com algo de valor, como ouro, fé, divindade, imortalidade. Mais tarde esses homens ficaram conhecidos como os três Reis Magos. Essa história justifica a forte ligação cristã e cultural que a estrela tem com o natal.

Outro sema presente nesse episódio é o padrão de cores utilizado nos elementos, o verde e o vermelho. A escolha desses tons mais uma vez se justifica em aspectos religiosos, predominantemente do catolicismo.

Para os cristãos, o vermelho simboliza o sangue de Jesus Cristo, que morreu pregado na cruz para salvar a humanidade pecadora e garantir o perdão. Assim, o vermelho como cor forte conota sangue, sofrimento e sacrifício. Já a cor verde entra como oposto a dor conotada no vermelho. O verde simboliza a vida, a esperança, a vida eterna que é possível graças ao sacrifício de Jesus Cristo.

Além disso, estabelece-se todo conjunto cênico como um sema. Neste caso, mais abrangente, os elementos dispostos no cenário, representam o natal, a familiaridade, a crença, união, fartura e celebração.

A nível tropológico, verifica-se que o cenário é uma grande metáfora. Uma vez que revela a magia de uma data anualmente celebrada, e se apoia na fé de conceitos religiosos, baseados principalmente no cristianismo.

Pode-se afirmar que a maioria dos brasileiros relaciona o natal como período festivo, presentes, papai Noel e preceitos religiosos. Apesar de não conter no cenário nenhum elemento que caracterize o nascimento de Jesus Cristo, a celebração desta data está diretamente ligada a essa situação. E são esses os conhecimentos que estão cristalizados no entendimento da população quando o assunto é o natal.

Por outro lado, o entendimento sobre o uso do pinheiro, a ceia, até mesmo a celebração como um todo, são concebidos de maneira genérica, quando a grande massa apenas associa a data ao nascimento de cristo, sem compreender o motivo do uso de certos objetos e histórias relacionadas a data. Como no caso, a história já citada a respeito do pinheiro de natal e Martinho

Lutero, o surgimento da ceia com a relação entre os europeus e peregrinos, ou até mesmo o uso das cores vermelho e verde em ornamentos decorativos e roupas.

Chama a atenção o uso de alguns elementos que não estão associados à realidade e cultura brasileira a respeito do natal. Como a representação do inverno com o uso do quebra nozes alemão (objeto posicionado no canto esquerdo da cena). No Brasil, dezembro é período de auge do verão, além disso, muito provável que a nível denotativo, quem observar o quebra nozes alemão, não perceberá sequer o significado e valor natalino que o mesmo concebe, e ali, será notado apenas como mais um brinquedo entre os demais posicionados.

O *quebra nozes alemão* é um objeto utilizado pelos europeus para quebrar as nozes que serão consumidas na ceia, fruto, mais uma vez que representa o inverno natalino.

No ocidente, o natal é uma data comumente relacionada ao nascimento de Cristo e ao cristianismo. Atualmente, essa é a religião predominante no Brasil e exerce papel influente na grande massa brasileira. Com desse aspecto, pode-se afirmar que o programa aborda o natal defendendo uma visão hegemônica dominante, no caso, o cristianismo.

Além disso, nesse trecho analisado, verifica-se que a relação entre o discurso da apresentadora e os elementos visuais se correlacionam por tratar da mesma temática. Mas, com olhar mais profundo, é possível estabelecer que o discurso e os elementos visuais, não se relacionam de maneira tão fiel e podem nesse caso, comunicar certa discordância. No Brasil, o natal é uma data celebrada por quase todas as classes econômicas, de maneiras diferentes no que diz respeito ao requinte, mas no geral, com a mesma tradição e simbologia.

A partir disso, observa-se nos elementos visuais, aspectos mais sofisticados, como uma ceia farta e elaborada, decoração cara e sofisticada. A isso foram mesclados elementos mais simples, presentes principalmente no discurso de Regina Casé, quando a mesma cita a rabanada como prato tradicional no natal. Sabe-se, porém, que esse alimento é mais utilizado entre famílias de classes inferiores, do que entre a camada mais rica da população. Além disso, a vivacidade das cores, brilhos e presentes mais simples, também se relacionam com essa camada social.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Em vista das cenas estudadas, com base nos processos de constituição das mensagens a partir dos estudos de Umberto Eco, pode-se afirmar que embora os cenários sejam bem construídos e elaborados, e repletos de significados nas duas cenas observadas, não há exploração profunda dos possíveis sentidos que os elementos trazem.

No caso da primeira análise, na qual o *Esquentar!* aborda a cultura oriental, pode-se concluir, a partir dos cinco níveis, que apesar de tratar-se de um programa com temática e aspectos de cultura oriental, os elementos visuais e verbais denotam a cultura oriental de maneira brasileira. Os registros verbal e visual se complementam de maneira funcional. A emissão da mensagem é simples, com sotaque forte, sem formalidade a fim de atingir um público amplo de maneira rápida e direta. Apesar de a cultura japonesa ser considerada cara e refinada, ela foi representada nos elementos visuais com certa brasilidade. O colorido e a mistura de elementos lembram os carros alegóricos dos carnavais brasileiros, o que condiz com a proposta do programa e com a realidade do público, a população mais simples, a massa. Pode-se afirmar ainda, que os objetos dispostos no cenário são utilizados apenas como função estética, uma vez que a audiência permanece no nível das denotações, e a apresentadora não os explora, apenas os expõe.

Quando a apresentadora fala sobre cultura oriental, sobre os *cosplayers*, em momento algum ela aborda o tema com toda capacidade cultural que nele está impregnada. Os elementos dispostos se quer são citados ou explicados durante o programa. Assim, como já foi dito, são utilizados apenas como função estética, orientando assim uma leitura superficial sobre o que é a cultura nipônica.

Já no caso da segunda cena, no episódio com temática natalina, os elementos visuais mais uma vez possuem caráter histórico e cultural que vão além do que foi abordado, uma vez que Regina Casé, tratou do tema sobre um ponto de vista cristão e de forma superficial, sem explicar e transmitir conhecimento e cultura, apenas disseminando aquilo que já é pré-concebido pela cultura hegemônica cristã-católica.

Levando em consideração o estudo realizado nas duas cenas, é possível afirmar que, nos casos analisados o programa apenas retrata determinada temática, ou assunto de maneira simples e não aprofundada, e que os elementos visuais não são explorados em seu potencial informativo, são apenas expostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, Umberto. **A estrutura ausente**. Perspectiva: São Paulo, 2013.

SATO, Cristiane A. **Gueixa, musa do mundo flutuante**. 2006. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=324> Acesso em: 12 maio 2015

CHAVES, Fernanda; FERREIRA, Luana; VOMMARO, Natália. **Yin - Yang: a busca pelo equilíbrio entre os opostos**. Eclética: Rio de Janeiro 2006.

KUWAN, Aoi. **A cor vermelha**. 2012. Disponível em: <<http://aoikuwan.com/2012/03/01/a-cor-vermelha/>> Acesso em: 10 maio 2015

MEYER, Agentela Arten. **A história da árvore de natal**. 2010. Disponível em: <<http://www.alemanhaporquenao.com/2010/12/historia-da-arvore-de-natal.html>> Acesso em: 05 maio 2015

RAYMUNDO, Gisele Pontaroli. **Os clássicos da ceia de natal**. Disponível em: <http://www.aprendebrasil.com.br/falecom/nutricionista_bd.asp?codtexto=497> Acesso em: 05 maio 2015

Okini Kukari 2012 **Diferenças entre maiko e gueixa**
http://from_black_to_white.blogs.sapo.pt/2012/11/ Acesso em: 07 maio 2015